



# O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Casa do Gaiato do Porto

PACO DE SOUSA

Director, Editor e Proprietário

PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tip. da Casa Nun'Alvares

R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

## PRAIAS E TERMAS

**N**ÃO vai muito longe que eu recebi uma oferta de 20\$00 em carta discreta, a dizer que era a multa de um chá em família; eu também quero pagar a cota que devo a essa obra. Cota modesta, de um chá seguramente modesto e frequentado por gente de primeira linha, a julgar pelos sentimentos de quem ofereceu e convidou.

Por muitos títulos, me alegrou esta oferta. A força de ver os soalheiros distintos da cidade, eu cuidava que tinham passado os tempos do chá servido em família por boas donas de casa, em prata da casa, que nenhuma outra é capaz de substituir. Cuidava sim, mas felizmente enganei-me. No pavoroso desmoronar universal, ainda há quem saiba resistir ao importado *five O clock tea* dos folhados corantes, das conversas inúteis, da exibição desmarcada e do nenhum respeito pelos que trabalham e sofrem. Sim, ainda há na nossa terra baluartes de genuína vida portuguesa. Bem haja minha Senhora pela oferta e pela lição. Quem dera que as mães e as mulheres de Portugal a recebam humildemente e sejam mais sóbrias, mais recatadas, mais compassivas.

A Snr.<sup>a</sup> Maria da Anunciação, uma viúva muito digna, mãe de oito filhos, a quem uma doença incurável levou aos últimos degraus do calvário; essa heroína sem par, tão pobre que nem sequer tinha quem lhe lavasse a roupa, deixou-me este recado à hora da morte; e eu cumpro hoje a minha missão.

Em nome d'Ela; em nome de todos os nossos irmãos que sofrem, menos soalheiros chiques e mais amor, oh mulheres de Portugal!

A maré cheia das nossas praias e termas, começou nos primeiros dias do mês de Julho. A todos quantos necessitam do benefício das águas por falta de saúde, ou do benefício de repouso por excesso de trabalhos, eu cordialmente desejo o melhor aproveitamento. Já tenho lugar marcado no Casino da Figueira da Foz. Espero a cada momento uma notícia alegre do Casino de Espinho. Sei que andam amigos empenhados no da Póvoa. As termas de Vidago, já içaram o sinal

de porto franco; Luso e Buçaco são terrenos conquistados. Pois bem; a todos estes sítios hei-de ir ler a mensagem divina do primeiro mandamento e pedir a cada um a multa das suas férias. Não vais escutar o clássico conferente a ler as pautas do seu trabalho magistral, como a imprensa costuma pôr no dia seguinte. Muito menos o famoso orador sagrado, com sua estola de oiro sobre rendas preciosas. Vais ouvir um pai de família a pedir pão para os seus filhos, — e isso basta. O êxito das obras sociais consiste no segredo divino de as tornar humanas.

O sacrifício de cada hora é parte integrante destas obras. É necessário afrontar o calor e o frio das estações, o incómodo das viagens, o fiasco dos peditórios, as amarguras da crítica, a dureza dos argentarios — tudo quanto repugna ao nosso ser e dificulta o nosso ideal. Todo aquêl que, dentro das obras chamadas sociais, pretenda fazer e

### O Amadeu

*EM fins de Maio, houve aqui um desastre, que levou ao hospital o Amadeu da Covilhã. Como foi coisa espectacular, houve sangue no rapaz e lágrimas aflitas em todos, todos os seus companheiros. O rapaz teve alta. Falou-se de como ele havia de vir; carro de bois, carro de mão, jumento.*

—Não, diz o Sérgio; bicicleta. Foram por ele, Pepe e Sérgio, de bicicleta.

Estávamos todos à mesa quando se ouviu um grito:

—Está ali o Amadeu!

Num repente, a sala ficou sem ninguém. Todos aqueles que choraram à partida, foram agora chorar à chegada!

O Desconhecido das ruas! Eles teem lágrimas de alegria. Teem lágrimas de compaixão. Eles teem tudo para dar. Dão tudo e esperam tudo!

na verdade faça, obra humana, torna-se por isso mesmo, e só por isso, o revolucionário do seu tempo. Revolucionário pacífico, equilibrado, fervoroso, penitente, muito feliz. Trata em tudo e por tudo com o Pai Celeste! Leva na alma a paixão do Evangelho e indica ao mundo a beleza de Cristo, não o *crizozinho* das horas de piedade,—mas Cristo Crucificado.

Vou pedir por essas praias. Vou falar na Obra da minha devoção. Compreendo que tem de ser assim, com estas experiências amargas e desânimos de todos os dias, que as paredes se hão-de erguer. Ninguém me deve nada. Não tenho títulos para exigir. A minha chapa de mendigo, se é verdade que não é estigma, também me não dá direitos. Os obreiros do Evangelho caminharam sempre naquela luz e vivem daquela verdade que vem do próprio Evangelho.

Irei pedir. Porém, uma das grandes mágoas que eu guardo no meu peito, é esta necessidade dura que o mundo me impõe. Não a sinto por minha causa, mas sim pela dos teus filhos e dos teus netos. Dentro daquele mesmo raciocínio límpido e equilibrado, confesso publicamente que a maior cegueira dos homens é justamente não verem que para uma obra desta natureza, não devia ser necessário pedir; que, se para grandes males aparece o grande remédio, todo o mundo se deve levantar, dar um passo à frente e declarar a sua unânime presença. Devia ser Obra de todos, desde que está em jôgo o interesse espiritual de todos. Sim, digo espiritual, porquanto os povos não valem pelo que teem, mas sim pelo que são.

Houve tempo em que eu tinha grande aceitação diante de um senhor rico, muita aceitação. Desde o dia, porém, em que ele me ouviu dizer no supedâneo do altar a verdade caseira, de que pode muito bem chegar a ser possuidor sem honra o que não souber distribuir pelos irmãos;—desde esse dia, risquei: nada que ele é perigoso.

Se é perigoso quem denuncia o mal, que dizer de quem o comete?

## Resposta a uma Carta de Lisboa

*Sim, minha Senhora; o panorama da rapariga das ruas é muito mais degradante do que no caso dos rapazes. A mulher portuguesa devia fazer seu e sentir todo o mal que daqui nasce. Tem coragem? Lance as rédes em nome do Senhor. Não diga a ninguém, ou diga a muito pouca gente, aquilo que se propõe realizar; o calado é o melhor. Se V. Ex.<sup>a</sup> pertence à Comissão das senhoras de Lisboa, que já publicaram na alta imprensa o programa da futura Casa do Gaiato, é de esperar que tudo ficará como dantes, a saber: as senhoras em suas casas, e as garotas nas ruas!*

Espero que não pertença.

*Não tenha medo da falta de recursos. Comece consoante o que tiver. Abrigue-se em qualquer toca. Ame infinitamente a criança e meça a profundidade do bem que lhe faz, livrando-a do mal da rua. Considere a estupenda irradiação do facto. Multiplique o amor que se chama Caridade—e basta.*

*De uma vez, uma servente de nome Joana, condôida da sorte de uma velhinha das ruas, levou-a para sua casa, que era um simples quarto de aluquer, algures em França. Nesse dia, por aquela forma, nasceu o Instituto das Irmãs Pobres. A senhora Joana não fez programas. Não disse a ninguém o que ia fazer. Amou!*

*Não pretenda imitar nem copiar o Padre Américo. Faça Obra sua, com o seu sinete, olhando à natureza da rapariga, que requiere outros tratos diferentes do rapaz.*

*Também julgo que não devia chamar à Obra Casa do Gaiato; parece que estamos assim a forjar imitações, como se fôramos fabricantes de pomada para os calos ou de pasta para os dentes! Se eu fôsse a Si, começaria a trabalhar na Obra e mais tarde dar-lhe-la o nome que conviesse. Ou quere baptizar a criança antes dela nascer?*

*Acredite na minha sinceridade. Espere tudo do meu apoio moral. Entregue-se absolutamente nas mãos de Quem nutre obras desta natureza.*

ESTE NÚMERO DE

“O GAIATO”  
FOI VISADO PELA  
COMISSÃO DE CENSURA





# Da que nós necessitamos

Mais, em o Depósito, uma encomenda com livros da Irmã do Zé Ninguém.

Já não era pouca intriga este Zé Ninguém, senão que vem agora a irmã dele acender novas curiosidades. Diga lá quem é, minha senhora, e não frite a gente! A irmã do Zé Ninguém é, afinal, alguém, a julgar pela escolha dos livros.

Não é nada facil saber comprar leitura para esta classe de gente.

Já temos as estantes da nossa sala de leitura. O José do Pôrto, um dos frequentadores, veio dizer há dias, a esfregar as mãos de contente:—*agora sim.*

Mais um pacote de livros. Mais uma prenda de anos. Mais o mesmo. Mais um pacote de roupas. Mais um dito. Mais um.

Nunca é de mais para os nossos, a roupa usada dos vossos. Desde que há um jornal na nossa terra, que revela com verdade o que as nossas crianças precisam, ninguém nas gavetas, à acção do caruncho.

Mais uma nota de cem; mais uma dita. Mais um pacote de livros e 20\$00. Mais idem idem. Mais uma oferta de 30\$00 para as *alminhas da Aldeia* e para o mesmo fim, duas quadras de um poeta. Nunca há-de faltar o azeite nem a devoção do Pequenino que queira alumiar os nossos mortos. Mais linho de altar para a nossa Capela. Mais um anel de ouro e duas pequeninas medalhas idem, para o *cálice da capela*. Esta legenda traz o nome de Mãe. Nome indefenido, mãe de ninguém. Este mesmo nome tem aparecido várias vezes, grande, eloquente, nas ofertas mais santas e mais discretas que chegam às nossas casas. A carta dos 30\$00 para as *alminhas* de que se faz referência atrás, trazia a doce palavra — Mãe. A gente chora e extremece de comoção, ao ver o sêlo branco do amor, firmado com tal nome.

E ele há mulheres em nossos dias, tantas como as estrelas, que trocam por outros este nome precioso. Faz pena! De que vale o teu nome, oh mulher, se ateimas em não seres mãe? Quem pode fazer-te feliz, se a tua vida é fraude? Há dias, num brinde de casamento gostei tanto de ouvir a um amigo do noivo *o cresci e multipliquei-vos*, como imperativo da festa; gostei tanto, sim, por ser verdade eterna!

Mais 20\$00 do Peso da Regoa. Mais 20\$00 do Pôrto. Mais 20\$00 para as *alminhas* de uma assinante do «O Gaiato». Mais 40\$00 de prenda de anos. Mais 50\$00 de Leça.

Mais sete contos depositados no Banco de um *Tripeiro Vicentino*. Este aviso do Banco, foi recebido no dia da festa de S. Vicente de Paulo. Tenho a certeza de que o Vicentino assim o quiz. Mais de Lisboa jogos e doces, mais idem idem, tudo prenda de anos. Os pequenos que recebem rebuçados ou coisas de lamber, tiram primeiro a sua parte e do que fica vão distribuir à hora da refeição. Mais vinte e cinco tostões de um visitante. A senhora de Oliveira de Azemeis que nos mandou galinhas, pede a cesta para mandar perús.

Sim, senhora. Já foi para o Depósito, e lá se procura o que vier. Mais 100\$00 de um visitante, que ficou assinante de *O Gaiato*. Mais 100\$00 de um sacerdote, outrossim. Mais retirado da Caixa de esmolas

do Depósito 110\$10. Mais um pacote de amendoas e piões. Mais nas ruas do Pôrto um *tome lá* 20\$00, e *tome lá mais* 20\$00, e outra vez a mesma coisa e ainda outra vez 20\$00, tudo ali na Praça Nova, a caminho do Combóio. Ele há marés de sorte! Mais 50\$00 de um visitante e outro tanto de outro. Mais 160\$00 de outro visitante, mais 3 lençóis de linho e mais 50\$. de um sacerdote e suas irmãs que quizeram ver as obras. Era linho de bragal, a cheirar a caixa. Mais 50\$00 de um visitante. Um outro, do Pôrto deixou ficar mil escudos e deseja oferecer a imagem de S. José, da futura capela.

Mais no Depósito, 2 pares de piugas, e um pacote de riscados para seis peças de roupa nova para seis Gaiatos, de um voto. Mais um lindo fato azul em magnifico uso que há-de luzir nas ruas do Pôrto, como adorno de ex-maltrapilhos.

Mais uma farda completa da Mocidade. Manda mais destas fardas.

Mais uma deliciosa encomenda de comes e bebes para a festa dos anos do Augusto,—*«pela linda acção que tu fizeste»*.

Mais uma pancada de retalhos, mais 2 pacotes de rebuçados, mais três livros para a nossa casa de leitura, mais 100\$00, mais 100\$00 — tudo de visitantes. Mais 50\$00 do Pôrto. Mais 10\$00 de uma creada de servir. Mais de Oliveira de Azemeis uma gaiola de peru! Quem dera que os ladrões não me deem ensejo de uma lição à Comunidade, como foi no caso das galinhas. Houve capitulo nessa noite. Os mais interessados nos ovos, que por isso ficaram tão tristes, foram chamados à barra:

—Vês como tu magoas os a quem roubas?! As tuas dores de hoje são as dores dêles!

Sim, boa senhora, se tem a devoção de nos oferecer um par de meas rendadas mande para o Depósito!

Mais 500\$00 da igreja do Carvalhido e mais nada.

P. S. Ainda não temos o Rádio!!

## Venda do jornal

Na forma do costume, o pequenino rancho de pequeninos vendedores, embarcou na estação de Cête às primeiras horas da manhã. Desta vez, foram mais severas as instruções, porque mais dilatado o raio da acção dos infantes trabalhadores. Assim é que Pepe, Júlio, e Periquito venderam em Espinho e na Granja.

Não foram muito afortunados na venda, mas o Periquito chegou radiante: *olhe trago aqui 100\$00 da Senhora D. Leonor*. E relatou de como esta senhora tinha camas feitas e tudo preparado, no caso de os vendedores ali quererem pernitoar. Ninguém conquista como a criança!

Em Leça e na Foz venderam Rio Tinto e o Gari.

Este foi comer a casa de uma tia que ali tem, e o primeiro abancou em casa de familiar amiga da Obra. No Porto, venderam: Amadeu, Oscar, e João. O primeiro teve a

# CARTA DE LISBOA

## A CASA DO ARDINA

Em vésperas de partida para a «Colônia de Férias» na Parede, nem sei o que te diga, «Gaiato», amigo, da azáfama que vai «Casa»...

Os rapazes andam a procurar merecê-la, nós andamos a ver se o que nos dão nos chega...

A azáfama é mútua, é comum. Nós temos pena se eles não merecerem ir, eles afligem-se com a ideia de que nos vamos endividar...

Afligem-se mais do que nós, que tanta Confiança temos em todos na generosidade de cada um até à «última hora»!...

Damos graças pelo que já recebemos, para a «Colônia»!... E foi: 1.700\$00 em dinheiro (é pouco mas... esperemos mais...) 10 litros de feijão, 7 quilos de bacalhau, 2 queijos grandes, 26 latas de conserva, 5 quilos de chouriço, 1 quilo de manteiga, 2 quilos de marmelada, chocolates, 7 quilos de sabão, 5 quilos de farinha, 3 fatos de banho, uma toalha, além dos 75 quilos de arroz do «Grémio dos Industriais do Arroz», e de 10 chapéus de palha de uma Amiga do Lar.

E' tudo o que temos à data em que te estamos a escrever. Contamos ter mais, entretanto...

E serão os ardinas quem farão a conquista das generosidades, que eu não consigo fazer mais do que dizer que... estou «conquistada»!...

Há dias recebemos uma carta a agradecer o que estamos a fazer pelos ardinas do fregeus dum dêles... Fôra «conquistado» pelo... ardina e não por nós...

E numa audiência que nos foi concedida por alguém altamente colocado, recebemos um donativo particular motivado pelo juízo e respeito com que os vira assistir à missa das 11 horas em S. Roque e vira chamarem

sorte de cair na simpatia da gerência do café *A Brasileira* e ali tem feito praça com magníficos resultados. Em nome da multidão dos gaiatos, deixo aqui uma palavra afectuosa ao Senhor que ali risca. A' hora do almoço, em vez da costumada Pensão, os três arautos tiveram lugar em acolhedora mesa da qual disseram muito bem e eu digo muito melhor porquanto, quem meu filho, ama minha boca adoça. Trouxeram esmolas avulsas, uma delas de 20\$00 dentro duma carta muito distinta e letra muito bem feita, na qual se promete uma maquina de 10 litros de bom azeite. Será que, nesta terra de Paço de Sousa, os nossos potes ressequidos vão ter dias de glória como os de Miranda? Assim seja.

Trouxeram também uma pulseira de ouro! O Pôrto já tem tanta confiança nestes homens de amanhã, que lhes entrega afoitamente joias de subido valor.

Ontem, repelentes e repelidos. Hoje conhecidos e procurados. E' só porque eles são amados que tu hoje assim os amas. O amor do Evangelho é ódio às avessas.

O Amadeu e o Oscar, também foram vender à estância termal das águas de S. Vicente e de Entre-os-Rios e assim levamos aos quatro cantos do mundo a glória dos nossos feitos!

O Amadeu veio muito conternado; vendeu apenas 25 jornais. Ele é az da venda no Porto, e faz disso grande capricho.

—Dizem que eu sou bonito e compram muitos Gaiatos.

Ora êste dito que gira no Porto, tem-no feito inchar um nadinha. A humilhação de Entre-os-Rios veio em muito boa hora.

—Compre-me o Gaiato.

—Oh rapaz; botá lá isso no caixote do lixo!

E assim o despediam. Bem feito!

o sacristão para também darem a sua esmola...

Conquistas feitas por eles, pela maneira como eles aproveitam da sua «Casa» e a estimam...

Agora o grande successo da «Casa» e que os traz meio-doidos, foi a cedência de dois quartos para Sede do «Sporting da Casa do Ardina» e do «Benfica da Casa do Ardina». Cada qual enfeitou a sua sede, à sua maneira, ao seu gosto. Teem reuniões, discutem problemas desportivos e... educativos...

O pior é que às vezes não sabem... perder... querem ganhar sempre, esquecendo-se que é a saber perder, a vencerem-se, que eles ganharão a batalha da vida, a grande batalha da «Casa do Ardina»!... Aquela para a qual todos teem que nos ajudar!...

Aquela pela qual, todos nós lutamos!... Tu-nós-êles, afinal!...

E' a causa do «homem de amanhã»...

E os ardinas vão entendendo, vão compreendendo, e conseguem ajudar-nos na nossa missão.

Teemos «pequeninos», de 8 a 10 anos. Casos especiais que os obrigam a ser «chefes de família» com aquelas idades diminutas.

Formam um grupinho à parte, na grande família de 38, que eles já são na «Casa do Ardina».

Teem aulas separadas, brincam tanto quanto sósinhos, estimando-se e ajudando-se uns aos outros, com verdadeiro espirito de caridade.

Nas aulas, que lhes são dadas pelo João Faria—12 anos e já com a 4.<sup>a</sup> classe, (e, permite-me um aparte: muito bem dadas, graças a Deus!) o José Carlos é o monitor. Ajuda a arrumar os cadernos, os bancos, etc., pois é dos «pequeninos» o mais adiantado.

O Sérgio está cada vez com mais juízo. Ernesto tem uma bola que é pertença de todos os camínos, como êle diz na sua linguagem ao referir-se a eles-próprios, «pequeninos»...

O Fernando, dos últimos a chegar, começa a estar menos indisciplinado, o Armando menos teimoso, e o Joãozinho consegue ter dias de «grande juízo», embora... raros!...

Há dias o juízo foi tanto que lhe foi conferido um «prémio» de... juízo. O José Carlos tivera tão pouco, que fôra «suspensão» da «Casa» naquele dia por castigo.

O Joãozinho, então, fechando com chave de ouro o seu dia, pediu como prémio o levantar do castigo do José Carlos!... Foi logo concedido, está claro e apreciado o gesto de camaradagem do Joãozinho.

Gostamos tanto que eles fôssem sempre assim bons uns com os outros, pela vida fora, a dar ao mundo uma prova de felicidade e alegria que traz uma boa e «ã camaradagem, a verdadeira caridade fraternal numa palavra.

E' a pedir e a dar graças por tudo que nós encontramos, os ardinas e nós.

MARIA LUÍSA

## Pão dos Pobres

E' um livro do Padre Américo, que já vai no 3.<sup>o</sup> volume, alguns dos quais em 2.<sup>a</sup> edição. Nêle se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o Pobre e de como Ele se lamenta.

Adquire hoje o livro.

Vende-se nas Librarias do País.